Freud para as mães

MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida/ Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz – serram2011@gmail.com

MT 08: Género, Infancia y Ciudadanía en América Latina. Representaciones, prácticas, sensibilidades Tipo de trabajo: ponencia

* Palabras claves: História da psicanálise; Infância; Gastão Pereira da Silva; Eva Giberti
* Resumen

Esta comunicação busca analisar um livro e alguns artigos publicados em revistas brasileiras de grande circulação destinadas ao público feminino por um divulgador da psicanálise brasileiro – Gastão Pereira da Silva. O objetivo é verificar como Gastão introduziu conceitos psicanalíticos no processo, iniciado anteriormente, de instrução pública e “científica” para futuras mães, durante as décadas de 1930 e 1940. Gastão Pereira da Silva (1896-1987) foi um dos primeiros divulgadores da psicanálise para o público leigo no Brasil. Neste trabalho, nos interessa uma série de colunas que ele escreveu para a revista *O Malho* a partir do ano de 1936, com o título de “As curiosidades da psicanálise”, onde o autor se refere a questões relacionadas com a infância, de acordo com a sua visão psicanalítica. Nestas colunas, ele comenta temas como as penas para crianças delinquentes e a educação que as crianças recebiam em casa e na escola.

* O surgimento da maternidade científica

A preocupação com os cuidados a serem tomados com as crianças, vistas como representando o futuro de suas nações, cresceu nas sociedades ocidentais a partir do final do século XIX, e chegou ao auge na passagem para o século XX, “quando a maternidade foi alçada à dimensão de questão de ordem pública, devendo ser amparada e protegida”, pois “ser mãe não significaria apenas garantir filhos ao marido, mas cidadãos à pátria” (Luna Freire, 2009: 19-21). No Brasil, essa questão se tornou mais importante devido às transformações pelas quais o país passava na mesma época e às aspirações de construção de uma nação mais “moderna” e “civilizada”. Em um país que havia acabado de abolir a escravidão, mudado de regime político, passando de império à república, e que procurava se desenvolver economicamente, ocorrências como a alta taxa de mortalidade infantil passaram a ser vistas como problemas que impediam o avanço da nação e também como heranças indesejadas do colonialismo, da escravidão e da monarquia.

Muitos médicos desempenharam um papel de destaque na defesa desse novo modelo de maternidade, que era legitimado através de um discurso que o caracterizava como científico e moderno, e, portanto, adequado às necessidades nacionais do momento. Esses médicos buscaram fortalecer o processo através da aplicação de medidas higienistas e eugênicas e procurando legitimar “o exercício de determinado tipo de maternidade – científica – em oposição às práticas empíricas guiadas pelo instinto, considerado insuficiente e irracional” (Luna Freire, 2009: 24).

Ao mesmo tempo, no Brasil do início do século XX, ocorreu um outro processo importante, o surgimento das revistas periódicas femininas, voltadas para leitoras das camadas médias e da elite. Aproveitando-se do desenvolvimento das técnicas gráficas, com abundante uso de ilustrações, as revistas conquistaram um público que não tinha muito acesso a livros, por causa do elevado custo destes. Além disso, difundindo modelos que vinham do exterior, principalmente da França, as revistas ganharam uma identificação com a modernidade que permitiu que elas se tornassem veículos privilegiados de divulgação dos discursos “civilizatórios” referidos acima.

No Brasil, as revistas, já na década de 1920, “refletiram e alimentaram o movimento de exaltação à maternidade” (Luna Freire, 2009: 101). Embora muitos autores colocassem a maternidade como sendo um instinto biológico, ao mesmo tempo surgiu a percepção cultural de que, para desempenharem seu papel de mães de maneira adequada, as futuras progenitoras precisariam ser instruídas, de acordo com preceitos vistos como “científicos” na época. Como consequência, a educação das mães passou a ser uma ideia muito presente nos articulistas de revistas femininas. Embora alguns médicos que já trabalhavam com os conceitos psicanalíticos na época tenham participado desse movimento, como Antonio Austregésilo, em seus textos a ênfase era na importância da educação das futuras mães como meio de garantir “a evolução da espécie” biológica e, ao mesmo tempo, funcionar como um “bem coletivo, capaz de pavimentar o caminho para o progresso nacional” (Austregésilo, 1920, *apud* Luna Freire, 2009: 117, 124). Assim, as teorias de Freud não são citadas neste momento como meios de instruir as futuras mães. Isso iria mudar na década de 1930, no Brasil, com o trabalho de divulgação de Gastão Pereira da Silva.

* Gastão Pereira da Silva e O Malho

Gastão Pereira da Silva (1896-1987) foi um dos primeiros divulgadores da psicanálise para o público leigo no Brasil. Seus esforços principais estiveram concentrados em revistas de grande circulação e na elaboração de livros para o grande público; além desses meios, durante décadas, ele também se utilizou de programas radiofônicos, peças de teatro e artigos em jornais, escrevendo sobre temas variados em sua relação com a psicanálise. Neste trabalho, nos interessa uma série de colunas que ele escreveu para a revista *O Malho* a partir do ano de 1936, com o título de “As curiosidades da psicanálise”. Nesta seção, que inicialmente ocupava uma página inteira da revista com uma ilustração, ele apresentava conceitos da psicanálise de maneira concisa, a partir de exemplos tirados do cotidiano (Marcondes, 2015: 77). Das onze colunas “As curiosidades da psicanálise” que foram publicadas, analisaremos, neste trabalho, três delas, que nos parecem ser voltadas mais claramente para a questão de como as mães deveriam educar seus filhos, de acordo com a visão psicanalítica de Gastão.

A revista *O Malho* começou a ser publicada no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1902. Durante as primeiras três décadas do século XX, a revista caracterizou-se pela sátira política, com muitas ilustrações e caricaturas. Em 1929 a revista, em seus editoriais, combateu a candidatura à presidência de Getúlio Vargas. Como consequência, após o movimento revolucionário de 1930 tomar o poder, teve seu prédio incendiado (Casa de Rui Barbosa, s.d.), deixando de circular por alguns meses. Em 1931, *O Malho* voltou a ser publicado; porém, é possível perceber que a revista cada vez mais se concentrou na publicação de pequenos contos, notícias culturais, colunas e anúncios de produtos destinados ao público feminino, sempre com grandes ilustrações desenhadas especialmente para a revista. Como exemplo destas colunas, destacamos “Beleza e medicina”, assinada pelo Dr. Pires, pseudônimo, que dizia que “as nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre higiene da pele, couro cabeludo, cirurgia estética e demais questões de embelezamento ao médico especialista e redator desta seção Dr. Pires”, com as cartas sendo endereçadas à redação de *O Malho* (*O Malho*, n. 175, 08/10/1936: 48). Nessa mesma época, também apareciam em *O Malho* conselhos de natureza eugênica: em 1937, um comentário do livro *Como escolher uma boa esposa*, do Dr. Renato Kehl, afirmava que “moços e moças precisam lembrar-se que quem se casa não deve apenas preocupar-se com os próprios interesses”, mas precisam “cuidar, também, dos interesses futuros da descendência” (SANTIAGO, Oswaldo. Broadcasting em revista. *O Malho*, n. 190, 21/01/1937: 6).

* “Curiosidades da psicanálise”

Gastão Pereira da Silva começou a publicar na revista *O Malho* em 1936. Na primeira coluna aqui analisada (Silva, 1936: 37), ele usa um exemplo chocante e extremo de uma criança homicida, o que pode ser entendido como uma tentativa de chamar a atenção, em especial para as futuras mães, da importância da primeira educação dada às crianças. Ele apresenta o caso de Jesse Pomeroy, garoto estadunidense considerado culpado pela morte de quatro crianças com requintes de crueldade e que foi condenado à morte, decisão que foi revogada posteriormente para prisão perpétua. Pomeroy viveu na prisão desde os 15 anos, em 1874, até sua morte, em 1932 (Schechter, 2000; Marcondes, 2015: 93).

Para Gastão Pereira da Silva, Pomeroy “celebrizou-se pela sua extrema e quase inverossímil crueldade”. Para o autor, a raiz do comportamento de Pomeroy vinha de sua infância, pois o garoto era filho de um açougueiro, e “desde menino assistira às matanças de animais, feitas por seu pai”. Assim, essa infância passada em um ambiente “todo envolvido por sangue, carne, animais retalhados, machados e facões” teria deixado marcas em Pomeroy, que repetiria esse padrão em seus crimes, que envolviam retalhamento das vítimas. Isto ocorreria, segundo o psicanalista, porque, em casos semelhantes, a libido da criança ficaria fixada “na fase perigosa da ‘curiosidade infantil’”. Nessa época da vida, “os instintos procuram apenas o prazer ─ satisfações agressivas, sádicas ─ e desconhecem a realidade”. Para o psicanalista, portanto, “todo o trabalho da psicanálise estava em trazer à consciência de Pomeroy o recalque profundo, convertendo o *inconsciente* em *consciente*, ou melhor libertando a ideia estímulo da tendência homicida”. Desta maneira, “o castigo da pena é nesses casos absolutamente negativo” (Silva, 1936: 37; Marcondes, 2015: 94). O que Gastão estava defendendo aqui era o fato de que mesmo um assassino terrível como o garoto, se tivesse tido acesso a um tratamento psicológico ou tivesse sido educado de maneira diferente, teria se tornado um cidadão apto a conviver em sociedade, e, portanto, do ponto de vista da psicanálise, as penas de prisão seriam negativas.

Em um livro que publicou alguns anos após estes artigos, *Conheça seu filho*, de 1942, Gastão retomou alguns desses temas, muitas vezes em trechos bastante semelhantes aos artigos. A respeito da questão dos meninos infratores ou criminosos, ele afirmava, em um trecho muito interessante pela contraposição às teorias eugênicas correntes na época: “oitenta por cento de tudo aquilo que passava por taras, ou degenerescências, não são mais que vícios de educação disfarçados sob aquela máscara” (Silva, 1942: 245). A seguir, em trecho onde é nítida a ênfase no caráter disciplinador da educação familiar, ele diz aos pais para não acreditarem nos “impulsos maus de seus filhos”, pois “o que existe, em verdade, é o menino mal educado. E o menino ‘mal educado’ é, em regra, um menino ‘mal vigiado’”. Em relação aos papéis de gênero e modelos familiares, o autor é bem conservador ao dizer: “Se não há direção, surge a anarquia. No lar, essa direção é da mulher. Na sociedade, do homem. A mulher é bem a ‘dona da casa’, o cérebro diretor” (Silva, 1942: 246). Em uma conclusão que reforça as ideias defendidas no artigo, o autor indica que “o motivo preponderante da criminalidade” é “o descaso dos pais em relação aos filhos”, e que “não foi a hereditariedade que atuou na formação psíquica do indivíduo mau, mas, ao contrário, a falta absoluta da vigilância da família nos primeiros anos da existência” (Silva, 1942: 247-248).

“O universo é, para a criança, a casa dos pais. A vida para ela há de ser sempre aquela, na qual é ‘senhor’ quase absoluto” (Silva, 1937a: 14). Gastão inicia assim a segunda coluna em *O Malho* tratada aqui, e prossegue afirmando que as crianças imaginam que os confortos que têm em casa vão durar para sempre, e por isso consideram que a escola será uma continuação disso: “Quando vêm para o colégio, trazem as crianças (...) a ilusão de que a escola é um prolongamento dos ‘folguedos do lar’”. Dessa maneira, para estimular as crianças a irem à escola, os familiares dizem que “os professores são muito bonzinhos como o ‘papai e a mamãe’”, e os educadores tratam com muita bondade as crianças que ingressam na escola. Porém, ao fazê-lo, segundo o autor, perdem a “força moral necessária” e, como consequência, “tais crianças crescem cimentando um ‘inconsciente’ voluntarioso, narcisista, cujas consequências na formação do caráter são as mais desagradáveis na idade adulta”. A seguir, o autor menciona o efeito das desigualdades econômicas: os meninos mais pobres não recebem a mesma atenção, e isto provoca neles um “complexo de injustiça”, pelo qual eles percebem as diferenças “entre os que ‘possuem’ e os que ‘nada possuem’”. Os castigos, as diferenças de tratamento e de posses entre os alunos, entre outras coisas, produzem “toda uma infinita gama de matizes sentimentais”, que acaba por tornar os alunos incapazes. Assim, a escola deixa de ser para eles um jardim da infância e passa a ser “um completo e bem acabado ‘jardim de suplícios’” (Silva, 1937a: 14; Marcondes, 2015: 87).

Gastão, neste texto, defendia uma escola que discipline os alunos, que prepare moralmente as crianças para serem bons cidadãos, formando seu caráter, e também apontava para a possibilidade da escola causar traumas psicológicos nas crianças, que se refletiriam por toda a sua vida, numa visão diferente da maioria dos educadores da época, que tendiam a ter visões positivas da escola. Em *Conheça seu filho*, o autor volta a apontar o problema dos educadores que transigem com as crianças que chegam à escola e “perdem por completo a força moral necessária”. Mas aqui ele também critica as próprias crianças: “Essas crianças comprometem os mestres e trazem a indisciplina coletiva. Estragam uma geração!” Gastão destaca mais uma vez as consequências negativas que esses acontecimentos teriam para a vida inteira da pessoa, enfatizando a importância da primeira educação para a formação do caráter: “nunca mais esses indivíduos se amoldam à sociedade em que vivem”, e somente “através de esforços dolorosíssimos, essas pessoas se convertem em cidadãos da comunidade social” (Silva, 1942: 12).

Na terceira coluna analisada aqui (Silva, 1937b: 32), Gastão Pereira da Silva continua a falar sobre a educação infantil, desta vez a partir das histórias contadas pelos pais para seus filhos. Segundo ele, para que as crianças “sosseguem”, os pais criam “histórias terríveis”, utilizando, para efeito de castigo, “lendas”, categoria na qual ele inclui tanto o “papai do céu” quanto “bichos papões”, “lobisomens” e “tutus marambaias”. A consequência disso é que essas histórias “vão edificando um inconsciente entulhado de covardias e fraquezas”, do mesmo modo que na coluna anterior, o que produz efeitos inclusive na vida adulta. Para o autor, existem “várias pessoas, cujos complexos reprimidos” na época infantil “o impedem de vencer na vida”, o que se deveria ao fato de serem, em geral, “indivíduos sem iniciativa”, “medrosos, tímidos, covardes, incapazes, numa palavra, de assumirem a menor parcela de responsabilidade”. Assim, mesmo pessoas “capazes” não conseguiriam sucesso na vida, pois não teriam a “coragem precisa para enfrentar situações que eles consideram ‘superiores às suas forças’, demasiado ‘difíceis’”. De acordo com Gastão, isso ocorre por causa de “uma simples fraqueza do inconsciente, mal trabalhado na infância”. A seguir, ele aponta que crenças sobrenaturais também são expressões dessa mesma covardia, pois diz que é comum ouvir de pessoas que não acreditam “em almas do outro mundo”, mas, no entanto, sentem medo de algo que não conseguem explicar; do mesmo modo, “outros, que se julgam ‘materialistas’, levam a chamar por Deus a toda hora...”. No final, Gastão retoma a principal conclusão do artigo: “o medo, a timidez, a covardia, etc., são fraquezas do inconsciente, cujas raízes psicológicas vamos encontrar na educação desavisada dos próprios pais em relação aos filhos”, e cita Rousseau para defender que “a criança é boa por natureza” e o que a prejudica é a educação “inoportuna” e “coercitiva” (Silva, 1937b: 32; Marcondes, 2015: 87-88).

Em *Conheça seu filho*, o autor afirma que as ameaças constantes, a espera pela reação violenta dos pais, acabam por criar um estado de “covardia sentimental” nas crianças. Segundo ele, “essas frases ameaçadoras”, como “se você fizer isso vai levar uma surra”, são muito piores do que os próprios castigos, mesmo que estes se concretizem, devido à “angústia da espera”. No limite, essas situações acabam por resultar “ou em ‘cinismo completo’ ou em ‘timidez absoluta’”, ambas marcadas pela sensação de “inferioridade” (Silva, 1942: 10). As variações no comportamento dos pais “deixam desorientados os garotos, que nunca sabem, afinal de contas, se têm nos pais pessoas a quem devem estimar e respeitar, ou se a eles devem temer e obedecer” (Silva, 1942: 9-10). Podemos deduzir que a visão do escritor sobre a infância continuou inalterada ao longo de sua vida, pois, em uma obra de 1968 intitulada *Novos aspectos da psicanálise*, ele reproduziu capítulos inteiros praticamente sem modificação do livro de 1942.

* Conclusão

Gastão Pereira da Silva utilizou as teorias psicanalíticas para explicar o comportamento infantil e aconselhar aos pais em geral, mas especialmente às mães, consideradas as principais responsáveis pela educação familiar, como deveriam cuidar e educar seus filhos. Ele publicou livros de divulgação de grande apelo popular que davam grande importância à primeira educação da criança, feita em casa pelas famílias ou quando os filhos começavam a frequentar a escola; pois, de acordo com as teorias psicanalíticas, as impressões deixadas neste momento da vida produzem efeitos para toda a vida posterior da pessoa, especialmente no aspecto da formação do caráter. O autor combinava essa valorização da psicanálise com uma visão conservadora da família e sobre os papéis de gênero.

Dentro do contexto brasileiro, ao já acionar elementos psicológicos em uma época em que as teorias biológicas e eugênicas tinham maior destaque, Gastão se diferenciava do discurso contemporâneo de outros psiquiatras que utilizavam a psicanálise. E, demonstrando que não considerava que suas teorias necessitavam de mudanças, em uma reedição publicada mais de 25 anos mais tarde, o autor manteve o mesmo texto sobre os problemas infantis como sendo causados basicamente por deficiências na educação familiar dada pelos adultos. As teorias freudianas desempenhariam um papel tão importante na educação das crianças, segundo Gastão, que tanto os profissionais que lidavam com estas, como os professores, como os próprios membros da família deveriam estar informados destas teorias para agir como formadores da melhor maneira possível. Assim, o autor buscava inserir a psicanálise em um novo campo, diferente da prática clínica, o da educação. E os educadores, bem como os pais, encontravam essas informações nos textos de Gastão, agindo como um divulgador para o público leigo das teorias da psicanálise.

Bibliografía

Casa de Rui Barbosa. (S.d.) “O Malho”. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho>. Acesso em 08/04/2017.

Luna Freire, M. M. (2009). *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora da FGV.

Marcondes, S. R. de A. (2015). “*Nós, os charlatães*”: *Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em* O Malho *(1936-1944)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.

Santiago, O. (21/01/1937). “*Broadcasting* em revista”. En *O Malho*, n. 190, ano XXXVI, p. 6.

Schechter, H. (2000). *Fiend*: *The Shocking True Story of America’s Youngest Serial Killer*. New York, Pocket Books.

Silva, G. P. da. (10/12/1936). Curiosidades da psicanálise. En *O Malho*, n. 184, p. 37.

\_\_\_\_\_\_\_. (26/08/1937a) Curiosidades da psicanálise. En *O Malho*, n. 221, p. 14.

\_\_\_\_\_\_\_. (23/09/1937b) Curiosidades da psicanálise. En *O Malho*, n. 225, p. 32.

\_\_\_\_\_\_\_. (1942). *Conheça seu filho*. Rio de Janeiro, Editora A Noite.

\_\_\_\_\_\_\_. (1968). *Novos aspectos da psicanálise*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia.